

O VALOR DO EXÉRCITO CHINÊS

J. PERGENT

(Tradução)

Transcrito da REVISTA MILITAR, PORTUGAL, N. 6, Junho, 1964.

É cometer um grave erro considerar a China unicamente como um país subdesenvolvido. Não basta, pois, julgar o seu exército em via de modernização e de técnica, conforme aponta J. Pergent em *Perspectivas*, de 15 de março de 1964.

Os chineses têm, com efeito, uma concepção da guerra profundamente original que nada deve às concepções ocidentais. Eles conhecem perfeitamente os recursos da estratégia, recorrendo tanto às técnicas de subversão, como à propaganda, como à ação militar maciça.

O Exército Chinês não é essencialmente formado de técnicos, mas sim de combatentes da primeira linha. Numa guerra convencional, ele constitui uma onda de maré que é difícil de sustar, como a História, muitas vezes, o tem demonstrado: guerra da Coreia e luta contra o Japão. Além disso, este exército é dotado dum grande força moral, baseada sobre a vontade de restaurar a grandeza chinesa e sobre o firme desejo de converter o mundo aos seus dogmas revolucionários.

Assim, esta estratégia é total: procede dum concepção política que dá a toda a luta um aspecto de cruzada. (Comentário de Revista Militar de Portugal).

Vários acontecimentos têm pôsto a China Comunista em foco, além da sua contenda com a URSS. Ora, esta última foi verdadeiramente a sua tutora no domínio militar. Em que medida este Exército, que começou a refundir-se para chegar à sua forma atual, em 1949, vai ou não encontrar-se em desvantagem? A questão não deixa de ter importância, vista sob o ângulo da rivalidade entre o Leste e o Oeste.

Cada um perguntará como, da imensidade do continente amarelo, podem provir, suficientemente, informações sobre um exército envolto em segredo, como todos os outros, para se fazer dele uma idéia justa. Ora, no mundo funcionam serviços de informações. Há sempre informações que se filtram. E os meios atuais de investigação são muito potentes. É bem certo que a China foi devidamente fotografada pelos U-2. Alguns destes aparelhos estavam ainda estacionados no Extremo Oriente, muito tempo depois do incidente grave provocado por um deles. Alguns jornais difundiram notas sobre o assunto, emanando dum instituto estratégico de Londres que tem filiais na Alemanha. O público não pôde ainda dar-se conta do valor destes dados que representam, sem dúvida, o essencial do resultado das investigações colhidas. Estes são de caráter geral e não oferecem uma base séria para o conhecimento dum exército.

As últimas informações colhidas sobre a China, datam de 1962-63, altura em que o desenvolvimento do exército popular se encontrou paralisado, pela ruptura com a URSS que retirou os seus conselheiros e técnicos e cessou as suas cedências de material. As forças chinesas, depois de terem atingido um total de mais de cinco milhões de homens, a seguir à defeção dos nacionalistas, dos quais unidades inteiras se passaram, com armas e bagagens, para o campo comunista, alinha agora três milhões, dos quais mais de nove décimas partes pertencem ao exército. As Divisões, em número superior a 200, foram reduzidas para cerca de 150. Mas isto mantém-se muito teórico, ou sobre o papel, porque a maioria destas unidades não estão ainda organizadas, não têm o seu material de apoio e têm um nível de instrução muito baixo.

Destas 150 Divisões, é preciso desviar um certo número que, segundo o sistema soviético, são as grandes unidades de artilharia, de DCA, de engenharia, etc, que entram, normalmente nos outros exércitos sob a forma de regimentos nas reservas gerais ou meios de reforço dos altos comandos. Sobre as 135 divisões que restam, não se conta mais que uma dezena, que sejam algum tanto blindadas ou mecanizadas, apesar de programa, a longo prazo, prever 30. Mas no estado em que se encontram as forças chinesas, depois da semi-ruptura com a URSS, parece que uma centena destas Divisões não têm podido ser organizadas e se encontram ainda sob a forma de uma multidão de batalhões e de regimentos de infantaria, dispersos. Em definitivo não se assinala mais que umas 40 Divisões, formadas há pouco, mas trata-se de boas unidades. Estão, em geral, concentradas numa zona do litoral, fazendo face à Formosa e às suas unidades nacionalistas, ricamente equipadas e treinadas pelos americanos. A parte algumas formações comunistas nos confins tibetanos e indianos e, sem dúvida, de outras, na proximidade da Coreia, é pois a parte principal das forças terrestres que se encontra assim imobilizada.

Estas Divisões são concebidas segundo o método ternário aplicado sistematicamente pelos soviéticos ou seja de três regimentos, a três batalhões. As Divisões, mesmo, são agrupadas a três, em Corpos de Exército.

Por seu turno, estes são reunidos em Exércitos ou Grupos de Exércitos, denominações bastante falsas, que parecem dever dar a impressão de forças consideráveis. Estas grandes formações parecem também ter uma existência muito teórica. Numéricamente, o total é à escala soviética, como é pretendido, mas em valor militar, no sentido de exército moderno, a 10 ou, no máximo a 20%. Assinalou-se, igualmente, a existência de quatro ou cinco imensas regiões militares, subordinadas, diretamente ao Grande Quartel-General de Pequim. Além disso, três Divisões aerotransportadas estariam em vias de criação, destinadas, provavelmente, como se verificará, por outros elementos, a uma invasão de Formosa.

Mas desde que se fala destes milhões de homens das grandes unidades terrestres da China, é usual mencionar as "milícias populares", herdeiras da luta contra o Japão e que têm sido desenvolvidas no regime atual, não para fazer delas realmente forças militares, mas conjuntos de populações organizadas militarmente, num princípio de sujeição política. O próprio Mao-Tse-Tung anunciou a cifra de 250 milhões, que não será falsa, tendo em conta a população: as províncias compreendem, cada uma, dezenas de milhões de homens sob palmatória militar. Mas à parte alguns milhões de homens instruídos no exército, ou, sumariamente, nas milícias, o valor estritamente militar, destas massas, é nulo. Não procede senão de exercícios militares rudimentares. Além disso, o armamento é muito insuficiente.

Muitas vezes, nas apreciações sobre a China e suas possibilidades militares, intervêm, mais por erro do que pela razão, a impressão que dão os algarismos extraordinários da população: perto de 700 milhões de habitantes, talvez um bilhão daqui a vinte anos; um acréscimo de perto de 15 milhões por ano, ou seja, em três anos a população da França; e um contingente anual atualmente de 6 milhões, três vezes o da Rússia; e não contando senão com uma parte restrita, cerca da décima. Mas são cifras brutas duma população ainda tão atrasada, sem as suas qualificações técnicas, que tendem, cada vez mais, a contribuir para o valor dos exércitos atuais. Felo contrário, nos efeitos maciços, dá lugar para lembrar as Divisões de Cavalaria chinesa (a cavalo) que foram terrivelmente dizimadas na Coréia, mas que puseram, muitas vezes, os americanos em xeque, cujas armas não tinham um débito suficiente, mesmo ultra-rápido, para destruir as vagas sucessivas dos atacantes.

Tem sido igualmente referido o fato de que a mediocridade das vias de comunicação e dos meios de transporte, o reabastecimento das unidades em regiões retiradas ou o deslocamento de grandes unidades, necessitavam de auxiliares muito numerosos, calculados a três, para quatro soldados, para proceder ao transporte ou aos carregos, muitas vezes por processos ainda primitivos. Atualmente, os progressos na motorização são muito lentos e há que notar que a China, se bem que possuindo jazigos petrolíferos, continua tributária da URSS, neste campo.

No seu conjunto, as forças terrestres da China, apesar do seu enorme potencial humano, mantêm-se a um nível muito baixo, sem medida comum com os efetivos que podem ser alinhados e que não correspondem a um potencial militar verdadeiro. Há, evidentemente, uma contrapartida séria para isto: é o emprêgo dos partisans, dos guerrilheiros ou dos agitadores, utilizados no exterior e que não têm deixado, em certos países vizinhos, de obter alguns resultados. Neste aspecto, as pressões exercidas pela China, para lá das suas fronteiras,

desde que se lhe não oponha forças militares potentes, têm sempre apresentado ameaças reais durante estes últimos anos. É, pois, um campo no qual a China predomina.

AS FORÇAS ESPECIALIZADAS

Os soviéticos parecem estar, na verdade, conscientes da insuficiência militar do seu aliado, que não tinha conduzido, durante mais de dez anos, senão guerras de partisans ou de revolucionários. A influência soviética tem sido preponderante nas novas forças chinesas; tem sido feita tábua rasa de todos os empreendimentos anteriores, nacionalistas ou ocidentais. Os russos têm introduzido todos os seus métodos e suas técnicas, enquanto que os seus "partenaires" se esforçam, quanto podem, por conservar as formas e os procedimentos ideológicos próprios. Os chineses pretendem agora que os russos tenham tido até 600.000 conselheiros e técnicos na China, o que parece ser exagerado. Não obstante, eles eram numerosos e colocados em todos os postos de comando, tanto na indústria e na economia como no exército. Eles têm tentado lançar as bases dum futuro desenvolvimento. Mas não têm podido proceder senão muito progressivamente e é preciso notar — antecipando — que a retirada maciça dos seus técnicos sobrevém no momento em que os seus alunos estão longe de estar formados e, sobretudo, em número suficiente. Julga-se que desde agora, os chineses se esforçam por produzir, eles próprios, certos materiais militares, tais como carros de combate e mesmo aviões "Mig", mas não realizando mais do que más cópias. Entretanto, eles talvez estejam mais avançados em matéria de submarinos, porque dispõem das antigas instalações e estaleiros russos de Porto Artur, que os soviéticos lhes cederam, em 1953, contra o reconhecimento de direitos na Mongólia Exterior.

Seja como fôr, da sua parte, os soviéticos criaram o domínio militar das unidades de tôdas as armas, que deviam servir de modelos para uma modernização geral; todavia, os armamentos eram fornecidos parcimoniosamente. As unidades criadas eram dum valor real, mas ainda muito pouco numerosas. Como se viu, existem tais formações de artilharia, de DCA, de engenharia, de transmissões, etc., assim como de aviação e de marinha.

São tôdas estas unidades que podem fazer-se entrar na categoria de forças especializadas. Mas elas não representam ainda — não é inútil repeti-lo — senão a décima parte duma massa, com preponderância absoluta de infantaria.

É a aviação que parece ter sido objeto dos maiores cuidados, tanto da parte dos russos como dos chineses. Os seus efetivos têm sido aumentados, ultrapassando o nível dos 100.000 homens ou nitidamente mais, segundo outras origens. Todos os materiais são, naturalmente,

soviéticos; têm sido assinalados "Mig-15", "17" e "19", quer dizer modelos antigos, mas também "Mig" supersônicos teriam aparecido, alguns bombardeiros ligeiros "Tupolev-2" e aparelhos de transporte "Thyochine-14", assim como helicópteros. A China volta-se, agora, para o Ocidente, para adquirir aparelhos que seriam de emprêgo civil. Esta aviação chinesa contava 2.000 aparelhos ou 3.000, segundo outras estimativas. Está organizada em umas cinquenta esquadrilhas de interceptação e umas vinte de bombardeamento ligeiro. A divisão aérea seria a três esquadras, cada uma a três grupos. Avalia-se em três, o número de divisões formadas, o que é muito pouco para a cobertura e apoio de exércitos tão numerosos como os da China comunista.

As forças navais apresentam um quadro tão modesto como o das forças aéreas. Existem, no total, 340 navios, todos de tonelagem reduzida e de caráter costeiro, designadamente 2 cruzadores ligeiros, 4 destroyers, 15 fragatas, 50 vedetas, 25 draga-minas, 60 caçadores de submarinos, 150 canhoneiras fluviais e um certo número de navios de desembarque; muitos outros estariam em construção (com intenção, segundo se julga, de tentar uma operação sobre a Formosa), nos estaleiros navais de Cantão e de Xangai.

Os efetivos da Marinha, não seriam, por enquanto, superiores a 50.000 homens. Todavia, os peritos ocidentais não excluem a possibilidade da utilização de milhares de juncos dos pescadores chineses, para a defesa e, sobretudo, para a vigilância de 4.000 quilômetros de costas. Estas embarcações, muito rústicas e manobráveis, estariam particularmente hábeis para o desempenho desse papel.

Deve ser feita uma menção especial no que se refere aos submarinos: estes, em número de 25, estariam estacionados na China, ainda com equipagens soviéticas, que começariam a ser substituídas por pessoal chinês. Supõe-se que estas unidades, pertencendo nominalmente à China, sejam mantidas sob um comando geral soviético. Ignora-se ainda o que virá a passar-se. Mas é difícil de admitir que a URSS tenha renunciado às suas flotilhas de submarinos, como o fez, com a sua atribuição à Coreia do Norte e à Indonésia. O valor destas forças proviria do fato de ser agrupados e acionados, assim, sobre linhas de comunicação importantes.

Uma anotação geral pode também aplicar-se tanto às forças aéreas como navais. Umhas e outras são numéricamente muito fracas, ao contrário da massa enorme das de terra e os seus meios são também muito reduzidos.

Mas poderiam ter uma papel muito mais importante a desempenhar, não tanto como elementos combatentes, mas também participando num sistema de vigilância e de ronda, colocado sob um comando geral soviético, umas no espaço aéreo continental e outras junto às costas. Sabe-se, em todo o caso, que a URSS instalou uma rede de radar

na Mandchúria, que é evidentemente a zona de penetração mais sensível contra as linhas de comunicação siberianas de Irkoutsk, Tchita, Khaborovsk, Vladivostok. De outra forma, o território chinês, se estiver organizado em zona de vigilância aérea e costeira, pode ser duma grande importância para a defesa do bloco comunista. Com efeito, não muito longe, os americanos possuem os postos avançados do seu enorme comando do Pacífico, com a 7ª Esquadra, a maior do mundo, e bases aéreas no Japão, na Coreia, na Formosa e nas Filipinas; eles têm, também, foguetões, particularmente em Okinawa, no centro deste dispositivo avançado.

As distâncias não são mais tidas como consideráveis, por motivo do alcance dos engenhos atuais, para atingir outras regiões siberianas, ou mesmo a URSS central. Se não puder manter esta espécie de guarda-fogo, a URSS registrará uma perda importante. Eis um ponto de vista que parece não ter sido suficientemente pôsto em evidência, como consequência da querela sírio-soviética.

E A BOMBA ATÔMICA CHINESA?

Pensava-se que, depois dum certo número de anos, a China comunista seria trazida à fileira de potência nuclear, graças, evidentemente ao apoio que a URSS lhe forneceria neste domínio. Um primeiro reator chinês funciona desde 1953; outros se têm seguido, instalados nas diferentes províncias, assim como um ciclotron. Assinalaram-se 36 estações de investigações atômicas. Alguns jovens atomistas foram formados no centro soviético de Boudna, perto de Moscou. Mas tudo isto parece comprometido depois da retirada das equipes russas que tinham ainda a primazia nesta indústria nascente. Além disso, a China possui jazigos de urânio, muito importantes, no Sinkiang, principalmente em Ourountchá, assim como no Tibete. O mineral era enviado para ser purificado nos centros russos da Ásia Central e voltava, em parte, para a China.

A mesma questão se põe, de saber se esta cooperação no domínio atômico terá podido, ao menos ser conservada. Não parece que assim seja. A primeira explosão atômica chinesa era esperada em 1962-1963. Terá lugar próximamente ou a muito mais longo prazo? O segundo caso será mais plausível. Mas outro aspecto da questão surge da recusa da URSS em dar seguimento a numerosos pedidos da China para ser dotada de armamentos atômicos. Este país vê nisso, certamente, um meio de prestígio para a sua política de expansão na Ásia e na África; e isto será, talvez, a razão profunda, com a ajuda de certas divergências ideológicas, da semi-ruptura entre as duas grandes potências comunistas.

Por outro lado, a China prossegue num esforço tendente a construir foguetões de grande potência, completamente independente da posse

eventual de bombas atômicas. Em construção aeronáutica, a China mantém-se ainda um pouco atrasada, para elaborar presentemente o seu próprio vector.

PARTICULARIDADES CHINESAS

Em todos os domínios militares, a China está muito atrás da superioridade que poderia fazer supor a importância de certos algarismos, o dos seus efetivos militares, mais de 3 milhões de homens e das suas reservas instruídas ou julgadas como tal, de 5 a 7 milhões e das suas milícias populares, de mais de 200 milhões de homens. Mas sob o ângulo dos exércitos modernos, os números nada mais dizem. É uma imensa infantaria, da qual um quarto apenas começa a estar organizada. Todas as armas especiais, todas as outras forças que não sejam as de terra que representam hoje mais da metade dum conjunto coerente, não são ainda senão uma décima parte do total.

A dizer a verdade, a lenta reconversão ou modernização, empreendida sob a égide da URSS, não está senão no seu período inicial, entretanto já bastante longo, de 1949 a 1960. Isto mostra o imenso trabalho que constitui a refundição e a não menos considerável organização que deveriam empreender os chineses se eles tivessem de prosseguir sós. Pode perguntar-se se estão conscientes disso. Muitas vezes dão a impressão, no seu desejo de libertação ou no seu sentimento de xenofobia, de querer, de preferência, voltar aos seus processos anteriores de guerrilha, de guerra revolucionária ou de agitação política no exterior.

Várias vezes se tem notado que os chefes chineses se mantêm muito aferrados à sua doutrina de guerra revolucionária, que aplicaram, afinal vitoriosamente, contra o Japão e, depois, contra o governo de Nanquim.

A transformação do seu exército, segundo o modelo moderno soviético, nunca lhes pareceu muito necessária. Portanto, uma grande parte dos antigos chefes, que não tinham nem o estatuto nem as qualificações de oficiais (introduzidas depois sob incitação dos soviéticos) foi afastada desde o princípio da reconversão.

Não obstante, as concepções do passado têm a vida dura. E bem se sabe que é a China, desde alguns milênios, que pratica já esta curiosa espécie de guerra revolucionária, muito melhorada no século atual. A guerra revolucionária, os foguetões, a pólvora (mais tarde para canhão, graças a uma nova fórmula dos árabes), são alguns dos "apoios" da China no mundo atual.

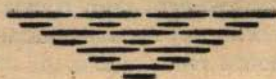
Os conhecedores da China de hoje, não têm cessado de pôr em relevo a rusticidade dos meios empregados, no que se refere a materiais, mas ela é compensada pelo emprêgo duma chusma de processos parti-

culares e de ardis de guerra. A potência de fogo não parece essencial aos chefes chineses. As tropas, mediocrementemente armadas, são capazes de cobrir longas distâncias para alcançar pontos inesperados; as infiltrações, as ações sobre as retaguardas e os flancos, as emboscadas, os ataques aos pequenos postos e, sempre, a grande superioridade numérica, são os processos da predileção das forças chinesas, que não ocupam o terreno conquistado, mas prosseguem nos combates por toda a parte. O desprezo pelas baixas é ainda mais acentuado do que entre os russos. Assim, na hora atômica, os chineses têm podido declarar que não temem os efeitos do fogo nuclear. A população está doutrinação a fim de não ser, de forma alguma, sensibilizada. E, de fato, o gigantismo demográfico permite-lhes suportar perdas espantosas.

Para sintetizar, um pouco, estes curiosos aspectos da China militar, pode-se simplesmente recordar os principais traços, que se caracterizam já pelo fato de ser muitas vezes contraditórios: imensidade dos efetivos, mas insuficiência de organização das forças e da sua instrução; robustez do elemento humano (melhor dizendo, capacidade de sofrimento), mas fraqueza extrema do equipamento do país, que torna lenta e perturbada uma manobra estratégica; bons núcleos de forças especializadas mas mantendo-se à ordem do estado; forças navais e aéreas rudimentares que, curiosamente, poderiam ser muito úteis num sistema geral de vigilância e da guarda.

Em definitivo, exércitos ainda informes, mas sobrevivência do valor dos conceitos dos processos de guerra subversiva.

Depois da ruptura atual, a URSS perde ali, sem dúvida, um elemento de vigilância duma fachada do continente asiático sobre o Pacífico; a China perde a modernização do seu exército, retardada por longo tempo.



Sem comando eficiente, a melhor tropa pode ser batida por forças inferiores bem comandadas.

General Pershing